

# Romantismo: Poesia (2ª Geração)

## Texto 1

### Soneto

Já da morte o palor me cobre o rosto,  
Nos lábios meus o alento desfalece,  
Surda agonia o coração fenece,  
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto  
Tento o sono reter!... já esmorece  
O corpo exausto que o repouso esquece...  
Eis o estado em que a mágoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,  
Fazem que insano do viver me prive  
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!  
Volve ao amante os olhos por piedade,  
Olhos por quem viveu quem já não vive!

*(Álvares de Azevedo)*

## Texto 2

### Horas tristes (fragmento)

Eu sinto que esta vida já me foge  
Qual d'harpa o som final,  
E não tenho, como o náufrago nas ondas  
Nas trevas um fanal!

Eu sofro e esta dor que me atormenta  
É um suplício atroz!  
E p'ra contá-la falta à lira cordas  
E aos lábios meus a voz!

Às vezes no silêncio da minh'alma,  
Da noite na mudez,  
Eu crio na cabeça mil fantasmas  
Que aniquilo outra vez!

Dói-me inda a boca que queimei sedento  
Nas esponjas de fel,  
E agora sinto no bulhar da mente  
A torre de Babel!

Sou triste como o pai que as belas filhas  
Viu lânguidas morrer,  
E já não pousam no meu rosto pálido  
Os risos do prazer!

\* \* \*

E contudo, meu Deus! eu sou bem moço,  
Devera só me rir,  
E ter fé e ter crença nos amores,  
Na glória e no porvir!  
(...)

*(Casimiro de Abreu)*

### Texto 3

#### Meus oito anos

Oh! que saudades que eu tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias  
Do despontar da existência!  
– Respira a alma inocência  
Como perfumes a flor;  
O mar é – lago sereno,  
O céu – um manto azulado,  
O mundo – um sonho dourado,  
A vida – um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,  
Que noites de melodia  
Naquela doce alegria,  
Naquele ingênuo folgar!  
O céu bordado d'estrelas,  
A terra de aromas cheia,  
As ondas beijando a areia  
E a lua beijando o mar!

Oh! dias de minha infância!  
Oh! meu céu de primavera!  
Que doce a vida não era  
Nessa risonha manhã!

Em vez de mágoas de agora,  
Eu tinha nessas delícias  
De minha mãe as carícias  
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,  
Eu ia bem satisfeito,  
De camisa aberta ao peito,  
– Pés descalços, braços nus –  
Correndo pelas campinas  
À roda das cachoeiras,  
Atrás das asas ligeiras  
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos  
la colher as pitangas,  
Trepava a tirar as mangas,  
Brincava à beira do mar;  
Rezava às Ave-Marias,  
Achava o céu sempre lindo,  
Adormecia sorrindo,  
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que eu tenho  
Da aurora da minha vida  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
– Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!

*(Casimiro de Abreu)*

#### **Texto 4**

##### **O poeta moribundo**

Poetas! amanhã ao meu cadáver  
Minha tripa cortai mais sonora!...  
Façam dela uma corda e cantem nela  
Os amores da vida esperançosa!  
Cantem esse verão que me alentava...  
O aroma dos currais, o bezerrinho,  
As aves que na sombra suspiravam,  
E os sapos que cantavam no caminho!  
Coração, por que tremes? Se esta lira  
Nas minhas mãos sem força desafina,  
Enquanto ao cemitério não te levam,  
Casa no marimbau a alma divina!

Eu morro qual nas mãos da cozinheira  
O marreco piando na agonia...  
Como o cisne de outrora... que gemendo  
Entre os hinos de amor se enternecia.  
Coração, por que tremes? Vejo a morte,  
Ali vem lazarenta e desdentada...  
Que noiva!... E devo então dormir com ela?  
Se ela ao menos dormisse mascarada!  
Que ruínas! que amor petrificado!  
Tão antideluviano e gigantesco!  
Ora, façam idéia que ternuras  
Terá essa lagarta posta ao fresco!  
Antes mil vezes que dormir com ela.  
Que dessa fúria o gozo, amor eterno  
Se ali não há também amor de velha,  
Dêem-me as caldeiras do terceiro inferno!  
No inferno estão suavíssimas belezas,  
Cleópatras, Helenas, Eleonoras;  
Lá se namora em boa companhia,  
Não pode haver inferno com Senhoras!  
Se é verdade que os homens gozadores,  
Amigos de no vinho ter consolos,  
Foram com Satanás fazer colônia,  
Antes lá que no Céu sofrer os tolos!  
Ora! e forcem um'alma qual a minha,  
Que no altar sacrifica ao Deus-Preguiça,  
A cantar ladainha eternamente  
E por mil anos ajudar a Missa!